

## I CONGRESSO DO BOMBO

28 e 29 Novembro 2015 – Aula Magna, Lisboa

### **Maria Ceia**

O que eu gostaria de dizer, tem a ver, sobretudo, com uma questão que se me coloca presentemente, no que diz respeito ao ensino dos bombos e se calhar da arte tradicional. Na sexta feira passada fui dar aulas à Escola da Baixa da Banheira nº 5 e normalmente eu entro com a carrinha com os bombos e vem logo a minha turma ajudar-me a levar as baquetas e os maços e as coisas que são precisas e veio uma menina, não sei se era do 1º ou do 2º ano ter comigo e perguntar, se quando chegasse ao 3º ano também ia ter Tocárufar e quis experimentar, ver se o bombo pesava muito, quis mexer e quis experimentar...

E eu pensei:

- mas porque é que será necessário chegar ao 3º ano, ou chegar à escola, para poder aprender a tocar bombo?

Eu, pessoalmente, também tive o meu primeiro contacto com o bombo, já tinha 30 anos, antes nunca tinha ouvido falar e acho uma pena! Pronto...

E a questão que se me coloca e que tem a ver com tudo isto, é a seguinte:

- Será que o ensino das artes tradicionais, deve estar confinada à escola, ou será que não temos que falar do ensino das artes tradicionais, num contexto sociocultural?

Que me parece que faz muito mais sentido, e a verdade é que eu gostaria que quando os alunos do Tocárufar viessem ter connosco, já soubessem tocar bombo. Assim como os miúdos aprendem a jogar à bola e não é preciso ninguém para lhes ensinar a dar o pontapé na bola ou as regras do jogo, eles naturalmente brincando na rua vão aprendendo a jogar futebol. Eu gostava que um dia se aprendesse assim a tocar bombo e que os miúdos quando vão brincar para a rua, assim como se juntam para jogar futebol, que se juntassem para tocar bombo e conhecessem as regras e que conseguissem fazer música e conhecessem esta linguagem dos bombos tradicionais.

A questão é:

- Como é que se cria este contexto e como é que se ensina uma linguagem?

Porque não é só uma questão de ensinar uma técnica de tocar um instrumento, é todo um legado cultural, digamos assim, uma forma específica de tocar um instrumento (bombo e a caixa de rufo e o timbalão). Em função dessa questão, há muitas outras que se colocam, por exemplo:

- O que é que podemos recuperar do ensino, segundo a tradição oral original que faz sentido que permaneça vivo e o que é que temos que ir buscar ao ensino, por exemplo da música clássica ou do jazz que possa enriquecer este contexto?

Por outro lado:

- Faz sentido agruparmos os nossos alunos por faixas etárias, como acontece nas escolas - eles estão agrupados por faixas etárias - ou será que, também, tem que haver momentos em que temos as várias faixas etárias juntas, para que os mais pequeninos possam lá usufruir completamente da cultura do bombo, tocar lado a lado com pessoas que são especialistas, ou que já detêm essa cultura, para que desde cedo, desde o berço, possam participar. E para que isso seja possível como é que vamos pensar o repertório dos bombos de modo a que um miúdo que comece há pouco tempo (os meus tocadores aqui começaram a aprender a tocar há um mês outros já tinham mais experiência), como é que eles logo no 1º mês que começam a tocar bombo poderão fazer parte de uma orquestra que já tem uma cultura muito sólida?

Acho que é uma questão pertinente. Outra questão:

- Como é que eu consigo que estes meus alunos tenham contacto com a cultura original dos bombos?

A maior parte nunca ouviu um grupo de bombos tradicional! Conhece a Orquestra Tocárufar, eventualmente, algumas orquestras de percussão, aqui à volta do Seixal ou da Moita, mas nunca ouviram um grupo de bombos tradicional. Como é que eu lhes dou acesso a isso?

E depois tenho aqui três convicções, que eu gostaria de ver também discutidas, uma delas é:

- Cada vez que os meus alunos e eu nos juntamos para tocar, seja numa aula, seja num espectáculo ou seja num ensaio, eu faço questão, ou faço um esforço, para que esse encontro seja um evento musical por si só. Mesmo que tenha um âmbito pedagógico – eu acho que só faz sentido estarmos a tocar se estivermos a fazer música – e acho que é preciso ensinar, ou tenho essa convicção, que fazer música vale por si só! Não é preciso haver um público, se a música estiver a soar bem e estivermos a tocar em conjunto, isso já faz sentido!

Depois, tenho outra convicção, que é:

- Acho que a inovação, do ponto de vista do repertório, inclusive o repertório de âmbito mais didático, deve ser feito a par com uma pesquisa e uma prática dos toques de bombos tradicionais e da rítmica tradicional portuguesa.

E acho que isto é um assunto muito sério e deve ser alvo de uma recolha profunda. É um património que tem que se recolher e tem que ser tocado, a par com o desenvolvimento e com a inovação que queiramos fazer no âmbito desta linguagem dos bombos.

Por fim, acho que o ensino da música, seja dos bombos ou outra qualquer, como "cante" (Cante Alentejano), deve ser feito no sentido de ensinar a linguagem, mas também de desenvolver um potencial do tocador.

Espero ou desejo, que os meus alunos ao aprenderem a tocar bombo tradicional desenvolvam a sua musicalidade e que se tornem mais aptos para poder interpretar ou perceber qualquer tipo de música e que sejam músicos inteligentes, que pensem em música de uma forma inteligente, que sejam criativos e que não sejam meramente intérpretes de uma pauta ou o que seja.